

TRABALHO, VIOLÊNCIA E DOENÇA: DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA DEGRADADA

WORK, VIOLENCE AND DISEASE

Eliana Amabile Dancini¹

¹ Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Campus de Franca - UNESP. Estudos e pesquisas em meio ambiente e educação ambiental - GEPEA-UNESP.

Resumo: O artigo diz respeito aos cortadores de cana queimada da zona canavieira de Guariba e Barrinha, região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, nas duas últimas décadas do sec. XX. O artigo refere-se a certas violências e doenças pouco apontadas, mas devastadoras para a vida dos sujeitos pesquisados. Sustenta o texto a pesquisa De Campo e de cotidiano desenvolvida por quatro anos. Os escritos procuram respeitar a adversidade da sintaxe dos sujeitos pesquisados e abrem espaços para suas visões e práxis de mundo. O Pensamento Complexo é a opção teórica, de método e de metodologia.

Palavras-chave: Saúde/Doença; Cidadania/Direitos; Imaginário; Complexidade; Representações.

Abstract: This article concerns the burnt cane cutters in the sugarcane zone Guariba and Barr, Ribeirão Preto, São Paulo State, in the last two decades of sec. XX. The article refers to certain violence and little pointed, but devastating to the lives of individuals surveyed diseases. Submits the text field research and developed everyday for four years. Writings attempt to respect the adversity of the syntax of subjects surveyed and open spaces for their vision and praxis of world. The Complex Thought is the theoretical option of method and methodology.

Keywords: Health/illness; Citizenship/Rights; Imagery; Complexity; Representations.

1. Introdução

As discussões feitas no artigo referem-se à temática que articula violências físicas, psíquicas, emocionais, mentais (SHIVA, 2003), doenças diversas como as decorrentes da usurpação dos direitos humanos, da degradação da cidadania, das humilhações (WEIL, 1979) cotidianas sofridas pelos cortadores de cana usinada em tempos e espaços diversos. A opção teórico/política é por dar voz aos cortadores de cana. Eles contam sobre o que ocorre com seus corpos/mentes adoecidos, vilipendiados. O suporte teórico, de método, de metodologia está para o Pensamento Complexo (MORIN, 1996, 2002, 2003, 2005, 2006). Este Pensamento supõe uma reordenação epistemológica (MORIN; LE MOIGNE, 2007) e paradigmática (CARVALHO, 2012) — uma leitura crítica ao cartesianismo (CAPRA, 1993). O Pensamento Complexo implica numa revolução do pensamento e da práxis, da construção do conhecimento, da visão do mundo em contextos local e planetário, das representações sociais (MOSCOVICI, 1978, 2003), do imaginário (DURAND, 1996). Tece junto o pensamento empírico-racional-lógico e o pensamento simbólico-mítico-mágico (MORIN, 2002 e 2007). O texto procura fazer a recostura da racionalidade com o imaginário ficcional e poético, com o lendário. Articula subjetividade e objetividade, o inteligível, o sensível, o emocional, a estrutura profunda da mente, *A Natureza Recuperada* (CARVALHO, 2012), reintroduz o sujeito na ciência. O pensamento reflexivo, crítico, autocrítico, próprio de uma Ciência com Consciência (MORIN, 1996), confere o norte dos escritos aqui apresentados. A religação dos saberes, a preocupação em rearticular cultura científica e cultura humanista, o prosaico e o poético marca a forma de escrever sobre o mundo dos sujeitos estudados (MORIN, 2005; HUIZINGA, 1998; CAILLOIS, 1969; DUVIGNAUD, 1977; BATAILLE, 1967). A opção é por pensar as formas, o significados, os desdobramentos das múltiplas formas de violência vividas por uma comunidade de destino (MAFFESOLI, 1984; 1993; 2010) de rara escolha.

A pesquisa empírica, vista sob os olhos do Pensamento Complexo, diz da concepção de método (ZAMBRANO, 1989), da escolha do método e da metodologia. Segundo Edgar Morin, Emilio-Roger Ciurana e Raul Domingos Motta (2003), o método, frequentemente confundido com a metodologia, deve ser entendido como uma disciplina do pensamento, algo que deve ajudar a elaboração de uma estratégia cognitiva, situando e contextualizando as informações, os conhecimentos e as decisões. A escolha recai sobre o método como estratégia e como caminho que se define ao caminhar (MACHADO, 1964) tendo em vista: a ausência de um conhecimento mais profundo da realidade delimitada; a existência do acaso, do erro, da incerteza, (HEISENBERG, 1996) do ruído (ATHAN, 1992) presentes no pensamento, no universo social/histórico/cultural, no transcorrer da pesquisa empreendida; no movimento incessante da

realidade delimitada e do pensamento do pesquisador. A pesquisa De Campo foi realizada no período de 1984 a 1987, sobretudo, no Bairro *João de Barro* em Guariba e na periferia de Barrinha. Este período foi de intensos movimentos grevistas com início em 1984, puxados pelos cortadores de cana do João de Barro, um lugar de morada de mineiros negros da Chapada do Norte de Minas Gerais na maioria. Nesse contexto, mesclado de rebeldia, festa e fé foram realizadas as histórias de vida por quatro anos com cinco sujeitos; as entrevistas aproximadamente com cinquenta trabalhadores, a observação sistemática dos espaços de morada e de "trampo" nos canais registrados em Diário de Campo; a pesquisa de cotidiano; a pesquisa participativa no cotidiano (CASTRO, 2006) no grupo, nos períodos de rebeldia local e regional. As entrevistas e histórias foram gravadas e transcritas após cada encontro com os sujeitos contatados. A escolha dos sujeitos obedeceu aos critérios: os de maior respeitabilidade pelo grupo, os de leitura mais profunda e ampla sobre a vida dos cortadores de cana. Alguns sujeitos foram indicados pelas cinco pessoas das histórias de vida. A participação ativa no seu grupo de pertencimento, o olhar crítico sobre as coisas do seu mundo articulado ao cenário mundial, a atuação significativa durante os movimentos grevistas estão entre os critérios de escolha. As falas incorporadas ao texto são dos cinco sujeitos das histórias de vida. Os roteiros das entrevistas e das histórias de vida são longos, detalhistas, abrangendo uma multiplicidade de aspectos. Os traços do sério articulam-se ao riso, à festa, ao arlequinal, e são considerados como instantes de sobrevida, de renascimento do grupo de pessoas pesquisado. As entrevistas desdobraram-se em quatro ou mais encontros com cerca de três a quatro horas de duração.

No interior do artigo, os entrevistados assumem o pulso da narrativa, contam o que consideram relevante para a sua identificação/diversificação cultural (CARVALHO, 2003). Eles assumem o estatuto de sujeitos, de contadores de suas histórias, de arranjadores e ordenadores das suas memórias, de grandes mestres das suas coisas. A história narrada aqui, contada por quem trabalha no corte de cana, é história de muitas histórias. É memória de espaços percorridos, de relações vividas, da rota forçada de homens, mulheres, jovens e crianças em busca de melhores lugares ou do que resta. É história de muitas estradas, de léguas e léguas de estrada. Eles falam com o propósito de tornar público o trágico e o arlequinal (MAFFESOLI, 2010) de suas histórias de vida, os meandros de seu trabalho pesado, a dureza das condições de vida. Seus objetivos, a médio e longo prazo, são de minorar os discursos preconceituosos, discriminadores construídos pelos *di fora* sobre suas formas de viver. Suas vozes precisam sair dos calabouços da história para que todos saibam e possam aquilatar as crueldades desfechadas contra eles no cotidiano do seu estatuto de *pé de cana*. Segundo eles, mundo a fora precisa ouvir os alaridos da justiça das suas reivindicações; compreender porque lutam nem sempre da forma

mandada ou permitida; atinar porque silenciam quando, aos olhos menos avisados, deveriam estar na frente da luta. Zé Morera, Zé Morerinha, Sr. Afonso, Adolfo, Dona Zélia, Cida de Barrinha, algumas Marias, pés fincados em chão paulista há muito, e outros, gente cigana — uma safra aqui, outra nunca mais. Eles são representantes de um grupo unomúltiplo (CUIRANA, 2003).

Os trabalhadores do corte de cana de Barrinha e Guariba, sobretudo, são jovens e adultos, homens e mulheres que vivem e falam no interior de um contexto — o das greves de cortadores de cana e apanhadores de laranja de 1984 a 1987 da grande região administrativa de Ribeirão Preto. Suas vozes, suas denúncias, suas maneiras de viver, suas memórias, suas falas não ficam, porém, ilhadas no espaço/tempo de morada e de "trampo" e sob os ares das últimas décadas do séc. XX. Atuais, elas ecoam o mundo, fazem acordar as dores da humanidade, alteram as cores do cenário local e mundial. Elas põem em dúvida a homogeneidade do trabalhador do corte de cana. Desconstroem os discursos que teimam em olhá-los como só trabalhadores, como seres prometeicos.

Dioniso e Prometeu, a festa e o "trampo", o altruísmo e o egoísmo estão à flor da pele desses sujeitos. Diante da complexidade das suas falas, dos seus fazeres e saberes, fica impossível empregar uma só expressão que os identifique (VERGANI, 1995; MORIN, 2007). As narrativas são formas de apreensão do mundo, de exercitar e despertar a beleza emprestada à escrita da ciência e à estética do texto (ALMEIDA, 2001 e 2012). Significa reintroduzir o estado estético na ciência.

2. Violência, Saúde/Doença, Cidadania e Direitos Humanos Usurpados em Tempos de Greve e de "Trampo" trilhou aqui por outros Caminhos.

Muitas formas de violência adoecendo os corpos/mentes são contadas pela maioria dos trabalhos científicos que tem por centralidades o universo do corte de cana. Sem desconsiderá-las, nem colocá-las em segundo plano, neste artigo a opção é por dizer de violências e adoecimentos pouco referidos.

Signos do abandono, da invisibilidade, do maldito (BATAILLE, 1967), os homens, mulheres, crianças, jovens — sobretudo em tempos de greves — assistem a metamorfose da sua diferença em discriminação que convida a exclusão social. Veem a pobreza isolar o pobre negro transmutado em pecaminoso, sujo, pestilento, promíscuo, drogado, gatuno, perigoso aos olhos da maioria dos não cortadores de cana. Em dias de insubordinação maior uma metamorfose salta aos olhos. As ruas

de um tempo e de tantos outros tempos e lugares conhecidos eram um só soluço. A polícia militar está não só nas ruas: invade as casas, os botecos, o comércio pobre, o cotidiano dos cortadores de cana, espanca crianças, trabalhadores e mulheres grávidas. As pessoas, as casas, os canaviais são devassados sem que os cortadores de cana e os moradores do João de Barro consigam compreender a lógica do justo/injusto, a ética em vigor. À noite, sob a ronda pesada da polícia, as luzes se apagam cedo, os bares, igrejas, prostíbulos e terreiro de macumba cerram as portas. O medo, o pavor penetram os poros das pessoas, tiram o sono das famílias, tornam mais escuros os becos e ruas. Corpo e mente dos moradores dos bairros de cortadores de cana estremecem ao menor ruído. Nervos, músculos e cabeça doem, o sono esvai-se. Os discursos da Ordem, do Progresso, da Luz, da Razão, dos avanços tecnológicos, da urbanização antes deificados no imaginário coletivo e individual, perdem as forças, dia a dia diante da dureza do vivido. Os semblantes de homens, mulheres, velhos e jovens entristecem. A irritação, a desesperança, o cansaço saltam aos olhos, enrugam os corpos. Estas e outras estratégias de violência que adoecem os corpos são mantidas sempre à posta. Aos olhos dos cortadores de cana a violência é tamanha que os obriga a mergulharem na incerteza, a cismarem da sua condição humana. Nos instantes de greve e no cotidiano do trabalho, as violências, as injustiças, os adoecimentos alimentam a imaginação e as representações sociais (MOSCOVI, 2003), a objetividade, a subjetividade individual/coletiva. Os homens e mulheres pobres dos canaviais, alvos de um dos braços da violência, num devaneio que atordoia, balançam entre a gana de lutar e o esmorecimento beirando o niilismo.

Todo o universo do trabalho ameaça e comprime a existência dos cortadores de cana aqui considerados. Sobre a violência em tempo plural, os contadores dizem do predomínio da cana-de-açúcar; da constituição do império da agroindústria; da presença das grandes usinas de açúcar e álcool; do desenvolvimento científico/tecnológico que marca forte o rural da região; do abandono de um tempo, de formas de trabalho e de vida, em que a lavoura de subsistência, os sítios e fazendas de cultivos variados regiam todo o mundo rural/urbano. Contam da gestação dos movimentos grevistas, dos seus desdobramentos incertos. A antinomia, o divórcio entre cultura e natureza subjugada aos interesses de certos humanos apresentam-se como uma das performances da violência. Nesse lugar de mundo, o chão *de negócio* se esparrama e ocupa todos os cantos. A fertilidade do solo é um invento técnico-científico, seu destino de terra moldada para o plantio de cana de fazer açúcar e álcool é tramado aqui. Com este tipo de canavial vêm juntos os pesticidas, os inseticidas, os agrotóxicos que degradam o ambiente, envenenam as águas, poluem a atmosfera do campo e das cidades canavieiras. Desaparecem os alimentos antes cultivados entre as suas fileiras. As terras, na maioria, são terras de usinas. Dessas terras, há décadas, homens, mulheres e crianças foram

expulsos para a periferia das cidades das redondezas. A diversidade de vivos que ainda sobram habitantes da terra da cana tem a sua reprodução mediada pela cana-de-açúcar, pela empresa rural, pela urbanização/industrialização contemporânea do campo e da cidade. Neste ambiente, campeiam às soltas desde a liberdade ilusória da condição do volante até a escravidão do trabalhador registrado em carteira. Fazem carreira despudorada, as diferentes formas de cativo, como as vividas pelos trabalhadores dos barracões das pequenas pensões e outras espeluncas que abrigam os cortadores de cana vindos de outros estados. Tais trabalhadores ficam prisioneiros da falta de higiene, da comida fraca, da escravidão por dívidas. Eles se transformam em vítimas das garras dos *gatos*, dos feitores, dos comércios abusivos e de outros *gatunos*. Nesse oco de mundo, as relações de trabalho sofreram e sofrem alterações substanciais nas décadas consideradas.

Feito donzela mimada e folgada, para quem se deu muito prestígio e se custeou todas as vontades, a cana de Usina, de luxuriosos dotes, é planta que requer muito espaço. É matéria prima de uma indústria que alimenta outras tantas. Assim, foram paridas as Usinas nas regiões de Guariba e Barrinha. Vieram ao mundo emporcalhando os ares de cheiros e odores pouco nobres. Caprichosas, apagam a variedade de cores vivas das coisas, das casas, das árvores e dos pássaros. Em dias de antes e de agora, elas enegrecem as vestes, a pele das pessoas por dentro e por fora.

Prô ce vê o sentido da coisa, o problema dum homi no corte-de-cana. Quando chega di tardi, qui descí du caminhão, o premero lugá que tem di passa é pra bebê a branquinha que é pra limpa a guela daquele sarro preto... Si ocê vê, com mal de palavra o iscarro do trabaiadô quano chega in casa é um preto só, da cinza da cana. (*Sr. Antonio, Guariba*)

A instalação e o crescimento insolente das Usinas de açúcar e álcool promovem outras alterações profundas no rural e no urbano. Nos dias comuns, ou em tempos de exceção, como os das greves e outras formas minúsculas de resistência, os feitores não colocam cortadores de cana da mesma cidade em talhões próximos uns dos outros e os homens da lei impedem os cortadores de cana de trafegarem livres pelas ruas dos centros das cidades. Os passos dos trabalhadores obedecem à rota da vigilância, do controle e da punição, violência que carrega o convite à transgressão. No traçado da arquitetura da ordem são definidos os pontos do espaço e do tempo que permitem fragmentos de rebeldia. A invenção e reinvenção dos sistemas de fazer obedientes, porém, estão sempre em curso. (FOUCAULT, 2009).

Eles, (os usineiros) coloca os trabalhadores di Barrinha numa seção de canavial. Os di de Guariba eles bota notra e di Sertãozinho também bem distante. Quer dizer, num dava pruma turma conversa com a outra, num tinha condição. Eles ta exigindo muito mais sabe, negócio di horário. (*Zé Morerinha, Guariba*).

A arqueologia do mando, que traz o desmando como possível, tem linhas reais/imaginárias sempre em dias de reorganização. As falas de Zé Moreira, da Cida e de tantos outros contadores historiam os dias de um calendário imprimido a ferros. Suas falas, outra sintaxe, quase um dialeto, descrevem e prenunciam os novos arranjos do espaço de plantar. A atmosfera pesada dos dias de antes e de depois dizem da demência exacerbada correndo à solta pela região no final do séc. XX, adoecendo as vidas e seus aspectos poli-diversos.

A maioria é telefone, porque pra levá a cinco ruas é meio difícil, né? É muito poucas pessoas que consegui leva as cinco ruas junto. Muitos faz o seguinte: corta as dois du meio e deixa as três prá traiz; outros tocam três e deixa dois. Aí o serviço rende e dá procê ganhá mais dinheiro. O isforço da rua sete é que a bandera fica de quatro rua; pra jogá a cana du restu das rua na bandera fica longe. (*Cida, Barrinha*)

Outras expressões do desenvolvimento científico/tecnológico na agricultura canavieira são apontadas pelos trabalhadores em seus relatos como forma de violência adoecendo corpos, mentes, toda vida dos cortadores de cana. O trator, a colhedeira, o avião, o guincho, *a julieta*, o treminhão e outras parafernalias tecnológicas (CARVALHO, 2003) interpõem-se entre os homens e a terra. Fazem das mãos dos que nela trabalham, que estejam cada vez mais distantes dela. Na terra e sobre ela, uma quantidade crescente de substâncias químicas, de ferragens complexas e multifuncionais alteram suas feições. Tende a transformá-la em coisa fabricada. Aos poucos, a terra, os homens, as mulheres do corte de cana, todo o processo produtivo ficam prisioneiros da modernidade industrializada do campo. Tudo tem seu crescimento, sua vida e morte, reguladas cada vez mais pelos interesses das agroindústrias. Até o mato, explica Sr. Afonso, é atrofiado pelos herbicidas em certos momentos. É deixado livre quando não oferecem mais perigo à plantação e quando essa liberdade resulta em menor custo produtivo, mesmo que implique um maior esforço e perigo ao trabalhador. A plantação da cana também parece ter dificuldades em crescer e dar boa produção sem a tutela daquele arsenal científico. A estrutura genética da cana sofre interferências, torna-se mutante, cana de laboratório.

Aos olhos dos cortadores, o canavial visto de dentro, irrompe numa cumplicidade visível com as máquinas computadorizadas e ferragens sofisticadas da Usina (CARVALHO, 2003b). No entender de alguns cortadores de cana, essa trama carrega arma potente acionada contra

eles. A fuligem da cana queimada invade pele, narina, alcança a goela, vai descendo por aí a fora e acompanha os trabalhadores na volta para suas casas. Impregna os ares dos bairros que ficam colados aos canaviais. Melado incômodo exalado da cana queimada enrijece o excesso de roupas que protege os corpos de homens, mulheres e crianças. Atraem abelhas e moscas, queima a pele formando hematomas. Feito fio de navalha emoldurando a folha em forma de estilete, rasga a pele, risca o olho ao menor descuido. Se máquinas fazem diminuir o esforço no trabalho, contribui para o desemprego nos momentos mais modernizados da produção. Nessa circunstância, a falta de alternativas de trabalho em outros setores produtivos, particularmente na entre safra da cana, opera como verdadeiro corredor polonês que obriga o trabalhador a depender do trabalho minguido da lavoura de cana, a viajar longe para buscar trabalho em municípios que ainda mantém a diversidade de cultivos. A fome, o desassossego, o estresse físico e emocional em dias que o trabalho escasseia no campo provocam outros tipos de adoecimentos que engolem rápido as vidas desse povo.

O pessoal não tem saída. Tem que se acabá na lavoura. O serviço na cidade, além di ce poco, eles pagam muito mal. O jeito é trabalhar na roça pra vê se ganha mais um pouco. (*Dona Zélia, Guariba*)

Cida, numa queixa da sua condição de mulher fraca de lavoura, com graves problemas de saúde provocados por circunstâncias que cercam a sua história de vida, num ato de denúncia do que ocorrem entre seus iguais, assim se expressa:

Aqui em Barrinha, fora di serviço de roça, num tem condição. Na cidade quase nem tem serviço. Quando tem, o que eles qué pagá é mixaria. O muito que dá pra ganhá é o salário. Salário num vale di nada, num dá pra vivê o jeito é agüenta a roça mesmo. (*Cida, Barrinha*)

No período da entressafra, para quem fez da região sua morada, foi empurrado para as periferias das cidades, a contundência das falas é maior. *De muita gente pressa região por causa da cana um tempo pra cá aumentou muito a tecnologia agrícola e começou a vim.* (*Sr. Afonso, Guariba*).

Pobreza de um tempo pra cá ta o dobro. Num Vô te fala mais nada. Só vô falá isso, qui pobreza de um tempo pra cá, num pode nem tê muito filho, praquê num pode tratá. (*Zé Moreira, Guariba*)

Uma fenda abre o tempo no reino das Usinas. Rasga-o em duas grandes partes: tempo de terra nua e de verdes folhas, sempre impaciente por crescer; tempo de vermelho em chamas e de preto retinto em tudo que é vivo. Para Sr. Afonso, não só os trabalhadores sofrem à

míngua. A cidade também adocece. O urbano fica menos agitado. Enfraquece o comércio, escasseia o trabalho em todo lugar. A disputa pelos trabalhos que sobram mal remunerados é acirrada.

Outubro se foi, e a safra canavieira também se foi; isto quer dizer que teremos alguma diminuição no movimento comercial, porque a população flutuante, que precede ao corte de cana, regressa às suas residências em outros estados. (*Sr. Afonso, Guariba*)

A água escassa e cara fazem mais atormentada, violenta e doente a vida dos cortadores de cana e suas famílias no *JÃO DE BARRO*, sobretudo. O flerte sem resultado das mulheres com os bicos das torneiras, a persistência da secura dos canos, as altas tarifas cobradas por um líquido que não aparece, o rombo do seu custo no orçamento doméstico, a indignação gerada pela fatura de água em outros pontos da cidade, obrigam os trabalhadores a tornarem pública a revolta, expressão condensada de outras revoltas silenciadas há tempos. A torneira surge cara e quase sempre seca, acabando por cimentar o ato de revolta traduzido na destruição do prédio da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP, 1984). Transformadas em entulho, suas paredes surgem como monumento de revolta, revela-se como símbolo de negação da cidade, enquanto locos de prosperidade. Invertendo os sinais, o urbano converte-se em estação terminal de sofrimentos amargos, de agruras, de usurpação de direitos humanos mínimos, de esfacelamento da cidadania.

Universo dotado de encantos mil, lugar em que as luzes nunca se apagam, arquitetura empencada de facilidades e confortos materiais sedutores, a cidade — como reino do encantado e de encantarias —, não tarda a esmorecer para os cortadores de cana. Com uma longa lista de roubos no frescor da memória, os cortadores de cana e outros pobres das cidades canavieiras sob o braço violento da força, obrigam outras pessoas a se darem conta de sua existência renegada. Rebeldes, os cortadores de cana recusam-se a ter confinado a casa à vila, entre parceiros e cúmplices, suas feições de seres humanos usurpados de direitos mínimos. Impedem que a rua — um dos ambientes de teatralização da cidadania —, continue a encenar o seu disfarce. Negam-se, perante os olhos esbugalhados dos “*di fora*”, a aceitar a burla do direito a qualidade de vida mesmo em alinhavo. Executam a cobrança de uma conta que há muito deles é cobrado. Assim, no imaginário dos rebelados dos anos 80 e 90 do séc. XX e de outros momentos de sua história de vida, os tempos de antes aparecem embelezados, mitificados (MAFFESOLI 1983). Nestas épocas, nas falas dos mais velhos do grupo, os donos das terras tinham uma gula menor, os trabalhadores rurais eram menos dependentes de tudo comprar na cidade e as agroindústrias açucareiras viviam sua pré-história. A vida dos pobres da terra era menos embaralhada e atribulada. Mulher não

inventada moda, criança e jovens não ficavam de olhos grandes nas vitrines do urbano.

Nas falas dos cortadores de cana do João de Barro, sobretudo, a imposição de novas despesas, próprias do viver urbanizado, não constitui o único agravante em suas vidas. As longas e intrigadas caminhadas das mercadorias de primeira necessidade até os fogões das casas dos pobres do canavial e a fome desenfreada dos comerciantes, constituem outra das formas de violência, adoecendo a vida dos trabalhadores e das suas famílias.

As invenções da modernidade dos dias de antes e de agora, as leis que regem o mercado de homens e coisas, o desaparecimento *da planta*ção *di comê* e dos personagens que cultivam o descompromisso dos governos com os trabalhadores, o estreitamento do trabalho fora dos canaviais, são enfeixados e declarados como alguns dos culpados pela corrida desembestada do custo de vida, da miséria do *trabaiadô daqui*.

Para Sr. Afonso, no seu discurso diferente de homem escolado, que correu muita "biboca", que aprendeu desde moço a manter a vista grudada nos acontecimentos, outros fatores correm à frente, quando se quer explicar uma pobreza produzida diferente de uns tempos para cá. Ele fala de uma *pobreza moderna* empencada de balangandãs, de televisão, de rádio de pilha, de óculos escuros, de garrafa térmica, de geladeira, de *leite de soja*, de remédio comprado nas farmácias por indicação médica (LAPLANTINE, 2004) de carteira de trabalho para poucos assinados, de sindicatos *pelegos*, de ambulatório de usina que só atende bem *gente graduada*, de ovo comprado em caixinha no supermercado, de acordo firmado com *gente importante*, mas não cumprido, de fome vivida no pé da cidade, da miséria e indigência públicas.

Praticamente no limiar, entre o possível e o existido/existente, Sr. Afonso veste a toga da acusação e aponta para o algoz maior — o Estado. *Governo eu acredito que ele teve um descuido muito grande em abrir mão e dexá o proprietário fizesse o que ele bem entende.*

Nos seus depoimentos, Sr. Afonso condena as Políticas desenvolvidas pelos últimos estatistas, exageradas no favorecimento de alguns grandes. Ele reivindica a presença de outro governo responsável por ordenar de modo imparcial a agricultura do País e por olhar também *para os pequenos*. Ele apresenta alternativa para o estado de coisas dominante na sua região. Imaginário à solta, Sr. Afonso pensa como viável, o inviável: a convivência equitativa dos canaviais com outras culturas, sobretudo com as culturas *de alimento*. O braço do Estado, nesse sentido, deveria estar sempre presente como (re)ordenador das terras de plantar, das regionalizações das culturas.

Os relatos de Sr. Afonso, Zé Moreira e tantos outros identificam os termos do atrelamento do domínio arrogante da cana-de-açúcar e álcool ao processo de produção que supõe certas relações de trabalho que aprisionam os pobres do campo. A invasão da cana traz consigo a imposição gradativa de uma nova correlação de forças, o império de outras formas de apropriação do trabalho e de domínio sobre o trabalhador do corte da cana. Sob tais condições, o olho do trabalhador nunca pode dormir diante da mesmice secular da violência em trajes de ameaça.

Na hora da negociação com o patrão eu tano junto eu vô cê marcado. Eu vô perde o imprego. Num dá. E o que qui adianta eles concordá com as reivindicação do trabaiadô mais num cumpre o tratado? (Zé Moreira, Guariba)

A ronda sistemática da polícia pelos bairros de cortadores de cana, *nos carcanhá du pobre do trabalhador*, a formação de *lista negra* correndo de um lugar para outro da região, também estão no rol das violências impingidas aos trabalhadores da cana, comprometendo as suas condições de saúde. É importante destacar que as marcas das doenças são mais visíveis no corpo. Numa visão disjuntiva e simplificadora própria do cartesianismo, o corpo aparece separado do cérebro-mente-espírito-psi que (CIURANA, 2003). Assim, ele pode ser medido, aferido e quantificado pelos padrões da medicina oficial. Na realidade, não há disjunção, polarização e oposição entre esses componentes do ser humano. Os males do corpo estão articulados aos males do espírito/mente/cérebro. São pólos que se atritam e se completam. O anonimato por condição de sobrevivência, *as meninas de Barrinha*, sussurram sobre o critério de seleção dos trabalhadores aplicado pelos feitores, pelos encarregados de turmas e por toda a hierarquia de chefes das usinas.

Por exemplo, se o trabalhador tiver um defeitinho físico, eles num dão emprego. O trabalhador que tiver mais de 55 anos eles, também, não dão emprego. As mulheres, é por causa da gravidez. (*Meninas de Barrinha*, 1985)

Para quem insiste, torna-se visível a cara do avesso. *Eu mesma, eu era acostumada a escolher o empreiteiro que eu queria trabalhá. Eu escolhia, agora num tem jeito mais* (Cida, Barrinha, 1987). Cida, símbolo do maldito (BATAILLE, 1967), renegada até dentro do próprio grupo dos cortadores de cana, conjuga no seu corpo traços extremamente perigosos e mortíferos: mulher, negra, mãe solteira, fraca de saúde, líder de piquetes de greves. Os mais fracos de saúde e os rebeldes não entram nas usinas. Eles ficam no corte de cana em terras de pequeno porte, em

serviço de pouca duração. Na representação da maioria dos trabalhadores, os tempos vividos nos canaviais instalam outro tipo de vida: a de escravos. Nas suas falas, a escravidão encontra jeitos diversos de se apresentar: os olhos da vigilância e do controle estão repletos de repressões, de incertezas, de medos difusos para o cortador de cana. Seu corpo, sua mente, todo o seu ser crisa-se de tormentos e ameaças. O caos apontador por Adolfo faz parte da ordem imposta em campos de cana.

O pessoal, fiscal, feitor, as veiz tem 5,6. As veiz um manda no outro, outro manda no outro. Um passa orde pro outro e assim vai ino. Tem dia que na roça ocê vê 5, 6 daquelas caminhoneta, o dia inteirinho pra lá e pra cá, vigiano nós. As vezes o feitor fica dentro du caminhão, fica olhando todo mundo trabalha.

As veiz vai até num eito e fica no pé du trabaiaadô, passa carão no trabaiaadô, humilha ele. É assim: O trabaiaadô que reclama quando o negocio tá errado já foi mandado imbora. É carta marcada." (Adolfo, Guariba)

Sr. Afonso diz:

Ser escravo é ter rodeando, perseguindo, fustigando calcanhares, o feitor é uma penca de pequenos e grandes chefes exigindo que faça, mas faça direito, que faça e faça do jeito deles, a tempo e a hora, no momento que eles qué.

Neste sentido, as falas de Zé Morera vão mais longe: apontam para a profusão, a simultaneidade e a contradição das ordens desfechadas sobre os trabalhadores segundo a segundo. Esse estado caótico, na verdade, faz parte da lógica do poder e da dinâmica de qualquer reflexão dos trabalhadores. Diante de tantas ordens desencontradas, ao cortador de cana só resta calar-se, curvar-se ainda mais sobre si mesmo. Desta forma, no trabalho do corte de cana, os pensamentos, os sentimentos, as reflexões, o encantamento e a nobreza do trabalho morrem aos poucos. A irritação, a tristeza e o desgosto do trabalhador acabam recalcados, trancafiados nas cavernas do eu (MORIN, 2003). O trabalho no corte de cana, para quem vive e sofre, é um tempo/espaco mesquinho, onde se quebra "na marra" todo e qualquer semblante humano, onde a escravidão se aprofunda e se alarga sempre.

No discurso de outros trabalhadores, os momentos de trabalho são transmutados em fração de tempo perpassada pelo desassossego. *Feitores*, administradores ou outros chefes podem fazer o trabalhador pular de um serviço para o outro, de um eito de cana para o outro, dar por castigo uma cana mais dura. O trabalhador precisa estar impregnado da certeza de que "pondo o pé" no canavial ou em qualquer tempo presente, está sujeito a receber e cumprir ordens. Deste ponto de vista,

precisa obedecer sempre, curvar-se, rebaixar-se à força (Weil, 1979). O trabalhador é transformado em objeto, em algo inerte, passivo. Pensar o instante seguinte ao ato conjugado no presente exige do trabalhador dos canaviais uma viagem penosa que consiste em transpor o bando de chefes vasculhando os pensamentos, as palavras em certas usinas, invadindo a intimidade das casas. O trabalhador é nada, ninguém, é coisa possível de virar pelo avesso. Pensar além do dia seguinte, constitui um tempo longo demais e muito longe para o corpo/mente dos cortadores de cana.

Segundo Adolfo, quando termina a jornada diária, o corpo parece esvaziado de toda energia vital, a alma oca de pensamentos, o coração mergulhado no desgosto, na raiva, na tristeza. Tudo isso gera um sentimento de impotência e submissão. Pensar o futuro nessa hora torna-se impossível.

Sob outro aspecto, o trabalhador, embora indispensável para haver alta produtividade de açúcar e álcool pelas usinas, não conta quase nada nesse processo produtivo. Por isto, cada sofrimento físico, mental, emocional, psíquico imposto; cada falta de consideração (uma forma de morte da condição humana), cada humilhação são indicativos de que os homens, mulheres e crianças do corte de cana não representam nada e não estão em suas casas. A terra onde pisa cotidianamente, canavial ou não, faz do trabalhador de cana um estrangeiro, exilado, desenraizado do seu meio ambiente. O pensamento do trabalhador, quando existente, mesmo querendo evitar a monotonia do trabalho e da vida, mesmo imaginando mudanças, não pode viajar do presente ao futuro sem passar por humilhações (WEILL, 1979). Assim, o pensamento tende a se retrair. Dobra-se sobre si mesmo, sobre o presente, produzindo uma espécie de estupor. Não só da terra os trabalhadores estão desenraizados, mas também do tempo e do ato de pensar.

Na safra — tempo de trabalho por empreita —, é quase impossível viajar pelo tempo, visitar o futuro, mesmo quando restrito a volta diária ao lugar de morada. O trabalhador é emparedado no presente, um tempo que seca sua energia física, ocupa e esgota a possibilidade de pensar. O tempo de descanso morre sob o poder do cansaço. As horas arlequinadas sobram quase inúteis quando existentes. Toda uma pedagogia, um processo de fazer trabalhadores obedientes, está em curso.

Outros momentos da relação de trabalho no canavial revelam o semblante da *escravidão*. No entender do trabalhador rural, ser escravo é, ainda, ser tratado *na bruta, aguentá humilhação, má-criação grosseiras de feitores e proprietários*. A escravidão coloriu de estranho o trabalho, convertendo-o em trabalho do e para o *enriquecimento e reconforto do que já tem di tudo*. Transforma o prazer de trabalhar em pura demência. A condição de *escravo* vaza do universo das relações de trabalho,

estendendo-se para a vigilância constante que persegue cada passo e cada gesto do trabalhador na esfera doméstica. É *escravo*, neste sentido, aquele que presta contas de tudo que faz. É ter sobre si múltiplos bisbilhoteiros, enredeiros e olheiros.

Na visão dos trabalhadores, outras formas de humilhação também se apressam em compor a escravidão. É *escravo* aquele que vive de ganho e é prisioneiro dos limites *do que dá pra comprá*. É *escravo* aquele que vê a fome invadir seus dias, indicativo de empobrecimento, de miséria maior. É *escravo* o que toca a vida na labuta, se acabando no trabalho. *Escravo* é o trabalhador que tem as horas, cada vez mais horas, invadidas pelo trabalho. É o que *vive trabalhando* e tem cada vez menos para viver.

O mundo virtuoso da moral do trabalho e da ordem — que no seu entender deveria ser recompensado e valorizado — estremece ante as feições escravas do trabalho. O trabalho, nestes instantes, apresenta-se mais tinto de negatividade. Decai sua moralidade quando o trabalhador estabelece a comparação entre ele, *um pobre* que precisa trabalhar e *suar a camisa* para arranjar seu sustento e aquele que ganha a vida *na fresca, na moleza*, na base da exploração do trabalho alheio. O trabalho perde a sua nobreza de feições quando o rico surge no universo simbólico como aquele que pode fazer *o que qué*, enquanto o *pobre dá no duro* e não tem sequer condição nem tempo de comprar o necessário.

Na maioria do tempo de trabalho, e para grande parte dos trabalhadores entrevistados, as infelicidades profundas impedem a atividade do pensamento. As humilhações permanentes são outros recursos produtores de infelicidade, de amargor. De um lado e do outro, a conseqüência vem sob a forma de zonas proibidas nas quais o pensamento não ousa aventurar-se. Principalmente fora dos períodos de greve, a condição infeliz parece criar uma zona de silêncio. São vistos pelos outros e por si próprios como os últimos dos trabalhadores, para quem só sobra o *pior serviço do mundo*. Assim, em certas circunstâncias, compreendem a fronteira entre ser trabalhador rural, mendigo e *fora da lei* como difícil de ser sustentada e mantida no dia a dia.

Para Zé Morerinha, uma lógica maquiavélica é engendrada na cabeça dos contrários. O etos da pobreza com fome — "peçonhenta" parceria —, move um trabalho sem tréguas, assegura a "espinha dobrada" sempre. Tal etos é o nó que estabelece importantes pactos, mantendo grudados os *mandantes do país* e os usineiros.

As pessoas importantes num vê isso? Ce acha que num vê. Vê. Mais praquê? Eles falam assim. Nós tem que ser o pobre, morrê de fome praquê aí ele vão tê que trabaíá todo dia. (Zé Morerinha, Guariba)

Os trabalhadores do corte de cana se percebem como pobres. Pobreza que supõem ter suas falas, dentro e fora do circuito do trabalho, preteridas em favor das vozes de usineiros, de grandes fornecedores de cana e de seu corpo de chefes. Significa brigar por direitos que já tem — já é de lei, mas não são cumpridos — e ter sua representação sindical, ameaça de vigilância, controle e punição. Como se fora um autorretrato de tonalidades fortes e imagens desfiguradas, ser trabalhador rural significa viver numa época em que *quanto mais se trabaia menos se tem*; em que o trabalhador tem que *corrê atrais di serviço onde tivé e tem que pegá o que tem pra num vê o fio dele passa fome*. No que ele diz respeito é viver num tempo fora de lei. É também sobreviver num tempo em que toda a família precisa *subí no caminhão pra trabaia, pruquê o homem suzinho num dá conta e mesmo assim nós, fraco de vida tá passano fome*. É um momento de ganho insuficiente, *prá tratá dus fio, prá dá istudo prus fio, que é para quando fô dia de manhã esse fio da gente te uma vida mió qui a gente*. Uma época em que fica difícil manter em corpos distintos a mulher trabalhadora, a dona de casa, a prostituta e a grevista, e conciliar no mesmo corpo a criança, o trabalhador e o estudante noturno de poucas letras. É fazer *serviço isforçado, é ter que comer comida fraca e regrada. Si eu fô ti dá uma comida suficiente, ti dá um armoço, fico até cum vergonha pruquê num posso ti dá* (Zé Morerinha, Guariba). Segundo *as meninas de Barrinha, têm uns que leva o carderão vazio, não tem o qui por dentro, tem gente qui dismaia na roça de fraqueza i di isforçá muito*.

No entender de Zé Morerinha de Guariba, o calor intenso, o frio de doer os ossos, a chuva pesada e constante, o cansaço acumulado, as dores no corpo e na alma, os desmaios de fraqueza podem fazer o trabalhador perder o controle dos movimentos, diminuir o ritmo de trabalho, rebaixando o ganho ao final do dia.

Quarquê que chega pra vê o serviço nosso, ele podi i lá prele vê si num é o úrtimo serviço du mundo. Si ocê num ta moiado di chuva, é di suor, é de orvaio... trabaiaadô chega em casa ta qui num guenta. O corpo dele ta é muído. (Zé Morerinha, Guariba)

O trabalhador do canavial precisa, conforme foi apontado acima, prestar muita atenção em tudo para não incorrer num movimento em falso, para não ser advertido pelo feitor e encarregado, para não ser dispensado.

Para Sr. Afonso, o trabalho no canavial, cortando cana ou/e arrancando touceira de mato mostra que todos os motivos exteriores sobre os quais se apóia o sentimento de dignidade, de respeito a si próprio, em pouco tempo de "trampo" tornam-se vazios. O trágico é não ver nascer na maioria dos trabalhadores qualquer sentimento de revolta, mas sim de resignação. Segundo ele, no mais das vezes, os pobres dos

canaviais parecem ter nascidos para esperar, receber, escutar e obedecer a ordens. *Não tenho orgulho em falar sobre isso*. Sobre tais sentimentos, a maioria dos trabalhadores não fala. Parece que dói demais só de arriscar pensar. Expondo as dificuldades que o trabalhador encontra, Zé Morerinha assume a dianteira, convidando o pesquisador a pensar com ele.

Nois que ta trabaiano, nós ta fazenu di tudu, nós ta tratanu dele (usineiros), tratano da família dele, tratano da boemia dele, fazenu tudu pré ele. Pru quê qui ele tem direito di cumê carne di primera e nois num mum pode cumê uma carne di panela? Pru quê qui ele tem direito di arroiz di primeira, pru quê eu num posso cume di segunda? (Zé Morerinha, Guariba)

Os etos do trabalho e as imagens que comporta, enquanto coisa de gente honrada, atividade valorizada atributo do *homem que é homem*, do sujeito que cumpre com deveres, do homem que cuida do sustento da família, que dá bom exemplo para os filhos, que *tem moral* para corrigir o errado, que *adquire condição* para ser respeitado, caem por terra diante da condição escrava do cortador de cana.

Na esfera do pensado, na cotidianidade do ser trabalhador, no universo da produção/reprodução da sua condição, na rua, no espaço da casa, nas relações de vizinhança, nos assuntos de sindicato e no interior das instituições jurídicas o ideário burguês tem dificuldade de manter-se em pé. Esmorece o trabalho como valor moral, como termo diferenciador, como referencial de distanciamento entre trabalhadores e não trabalhadores, entre *gente de bem, correta, pai de família e ladrão, marginal*. Perde o fôlego ante a precariedade das condições de vida do trabalhador rural, na presença do seu salário minguado, na agonia da resistência física, em meio ao cansaço acumulado, nas curtas horas de sono, sobre o peso de cada instante de um dia de trabalho. A moralidade do trabalho não tem lugar no cabo do *podão*, dentro do *galo*, na *comida magra* que esfria e apodrece na roça. Tal moralidade cambaleia no derradeiro dia de uma semana de trabalho tão comprida que nem sobra hora para o domingo.

Im antes, serviço tinha. Num tinha essa pobreza de hoje. Hoje, o trabaiaidô num tem direito siqué di ficá um dia descansano; quarquê coisa, o cara vai dizê — Vô cortá o seu emprego. Meu ganho num dá o suficiente pá ficá parado. Então num dá, uai! (Zé Morerinha, Guariba)

A moralidade do trabalho é silenciada na fila dos pedintes das prefeituras. Cansa no banco de espera dos hospitais públicos e dos postos de saúde. Esboroa ante a ameaça que ronda a sindicalização e a intenção de *tocar demanda* contra o patrão. Perde a fala ante a perseguição dos

que *falam demais*. Míngua dentro das prisões e manicômios. Desaparece sob a mira do fuzil e da metralhadora em tempos de greve. A cidadania, os direitos humanos mínimos desaparecem. Em contrapartida, quando a violência e a regressão saem das sombras, mostrando-se por inteiro, feito uma arena pedagógica, as relações de poder acabam por instrumentalizar o questionamento, a desobediência na maioria dos trabalhadores. Zé Moreira, por exemplo, traz certo em suas ideias quem são os "bárbaros". A revolta que a fala expressa, desvela a existência de quem se entende como pessoa, de alguém que se percebe com direito a direitos.

A democracia num ta aqui. O coitado do trabaiadô lutano prus seus direito, entra no pau. Quem ta agitano o próprio trabaiadô, fazeno bagunça? A puliça! (*Zé Morera, Guariba*)

O *home da lei* transmuta-se, na ética do trabalhador rural, em fora da lei. Diante de tais representantes da ordem, não há pessoa — só indivíduos destituídos de direitos, apenas contraventores da ordem pública, social, política.

Enfim, são outros direitos, por exemplo, de mandá na minha casa. Que muitas vezes você não manda. E se você mandar e a policia às vezes cismar de entrar na casa e tirar o indivíduo, como aconteceu na greve de janeiro de 1985. Então, quando a gente fala de direitos, em se tratando desse sistema democrático du nosso país, pensando bem, nós não temos direitos. Quando se fala em direitos não temos nenhum. Nós temos direitos dependendo das horas. (*Sr. Afonso, Guariba*)

Os corpos, as mentes, os arcabouços psíquicos, todos os nervos dos cortadores de cana adoecem com: as injustiças, as discriminações, as humilhações (BARRETO, 2003), o trabalho duro e mal remunerado, o desemprego no período da entressafra da cana, com a presença da polícia de elite em tempos de greves; com a cabeça sempre perturba pela escassez de trabalho, pela falta *du que cumê* na mesa do trabalhador.

Em meio a essa combustão a céu aberto, homens, mulheres, crianças, jovens e velhos conseguem rir, brincar (HUIZINGA, 1977), mangar de suas condições desvalidas. Cobrem as faces de alegre (MAFFESOLI, 2010). Assim, vão enchendo seus rostos de risos, de sorrisos (MACHADO, 1964). Constroem pequenas e grandes utopias e esperanças. O *Bairro João de Barro* e outros bairros, iguais na diferença, revelam uma atmosfera densa de aflições. Ao mesmo tempo, saem às ruas do cotidiano em trajes arlequinais. Os discursos dos trabalhadores ganham outras cores nos períodos de greve em outros momentos de exceção. Nestes momentos, os botecos ficam regados à cachaça, à cantoria, aos afagos e as discussões acaloradas, aos jogos da vida (CAILLOIS, 1991). Sob tais ares, os trabalhadores conseguem pensar,

refletir e tomar consciência clara do baixo nível a que chegaram. Nas suas cabeças, nas suas falas e gestos, no riso aberto cresce a disposição de lutar sempre até que consigam se reassumir humanos com direito a direitos. Nos períodos apontados acima, os cortadores de cana não se percebem mais exilados, estrangeiros do chão onde pisam. Eles se sentem em casa. Real/imaginário, os territórios do presente e do passado vividos agora são seus.

Durante a greve de 1985, Sr. Afonso mergulha profundo nas suas reflexões. Na sua filosofia diz *do sofrimento reconquistei o estatuto de pessoa. Através da escravidão cheguei ao sentimento da dignidade minha de ser humano.*

3. Considerações Finais

Em volta desta mesa, velhos e moços lembram o que já foi e denunciam o presente. Nas falas e atos, nas coisas, espaços e na conformação do tempo estão os sinais, o mundo imagético de um momento da história de vida dos homens e mulheres trabalhadores dos canaviais de Guariba e Barrinha. As representações e o imaginário falam das transformações ocorridas/ocorrentes nos universos rural e urbano pesquisados. Tais transformações, porém, não ficam confinadas com este espaço/tempo. Elas chegam aos olhos, aos ouvidos e ao ideário de toda região canavieira do Brasil. Sem fronteiras, chegam aos vários cantos ocidentalizados do planeta. As imagens correm, possuem e inquietam as visões de mundo. Tudo se move inquietando o estabelecido. As imagens dos direitos humanos degradados, das múltiplas formas de violência, da morte em pequenos "goles", das rebeldias, das reinvenções ardilosas viabilizadoras do viver/(re)viver poético e estético de um grupo impar, enfim, estas e outras imagens do acontecido nas regiões canavieiras de Guariba e Barrinha (Séc. XX) não ficam restritas há um só *locus*. Feito dedo em riste, elas obrigam pessoas, grupos sociais, intelectuais, acadêmicos, instancias governamentais, outros integrantes da sociedade civil e política a retirarem dos calabouços da história o que procuram/procuraram trancafiar, silenciar, manter na invisibilidade: os desumanizados da humanidade. Indivíduos sujeitos, coletivos sociais de todo o planeta — como os cortadores de cana pesquisados —, erguem-se, ocupam as "telas mentais", ganham visibilidade empunham suas bandeiras de luta.

Em volta dessa mesa existem outros falando tão igual. Gente, contando de uma forma particular de apropriação da terra, da sua concentração/centralização nas mãos das agroindústrias, dos grandes pecuaristas, dos blocos de poder. Dizem do alargamento das distâncias

entre ricos e pobres, dos desdobramentos da pobreza em miséria e indignação, do caráter uno-múltiplo da pobreza, das doenças, das discriminações em tempos do final do séc. XX e início do séc. XXI.

No texto apresentado, as preocupações recaem sobre outras formas de violência, fazendo doentes os homens, mulheres e crianças dos campos de corte de cana-de-açúcar. Por isso, as soleiras das portas de certas casas, botecos, sindicatos e vendas foram e vão continuar transmutadas em portais do tempo. Por elas, uma *prosa* que fez grandes amigos continua percorrendo os traços de um rosto, um desenho em movimento. Continua a trilhar os riscos e rabiscos que vão formando este rosto sempre em dias de construção.

Por certas soleiras de portas — as do universo dos trabalhadores, as do mundo das relações, da memória, da história de um grupo de pessoas — as falas viajaram e continuam a trilhar há várias décadas num movimento de ir-voltando, tendo o presente por referência. Continua a caminhar por lugares, a bater caminhos indefinidos, mesmo que os pés dos quem transcrevem as histórias aqui contadas não tenham pisado em todos eles.

4. Referências

ALMEIDA, M. C. *Complexidade e cosmologias da tradição*. Belém: EDUEPA_UFRN/PPGCS, 2001.

_____. *Pensamento complexo e trajeto antropológico dos saberes in Os Sete Saberes Necessários à Educação do Presente* (Org) MORAES, M. C. e ALMEIDA, M. C. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

_____. *Tecnociências e sistemas complexos contemporâneos, in Ensaios de Complexidade 2*. (Org) Edgard de Assis Carvalho e Terezinha Mendonça, Porto Alegre: Sulina, 2003.

CASTRO, G. *Da Fragilidade do Homem – Rede*. In: Ensaios de complexidade (Org). 4ª ed. CASTRO, G; CARVALHO, E. A.; ALMEIDA, M. C. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CUIRANA, E. R. *Complexidade: elementos para uma definição in Ensaios de Complexidade 2*. (Org) Edgard de Assis Carvalho e Terezinha Medonça, Porto Alegre: Sulina, 2003.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo; Martins Fontes, 1997.

DUVIGNAUD. *Le don de rien*. Paris: Stock, 1977.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 16ª edição. Petrópolis: Editoras Vozes, 2009.

- HEISENBREG, W. *A Parte e o Todo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Paris: Gallimard, 1998.
- LA PLANTINE, F. *Antropologia da doença 3ª edição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MACHADO, A. *Obras, poesias Y prosa – Estrofe IV*. Buenos Aires: Losada, 1964.
- MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1984.
- _____. *O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão*. Lisboa: editora Veja, 1993.
- _____. *No fundo das aparências. 4ª edição*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- _____. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Publicações Europa – América, 2002.
- _____. *O X da questão – o sujeito à flor da pele*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- _____. *O método III conhecimento do conhecimento. 3ª edição*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. *O método V – A humanidade da Humanidade: A identidade Humana 3ª edição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. LE MOIGNE. *Inteligência da Complexidade. Epistemologia e Pragmática*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. *Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SHIVA, V. *Monocultura da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.
- SILVA, J. M. *Em busca da complexidade esquecida, in Ensaios de complexidade 2. 4ª edição* (Org) CASTRO, G.; CARVALHO, E. A.; ALMEIDA, M. C. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ZAMBRANO, M. *Notas de um método*. Madrid: Mondadori, 1989.

Artigo apresentado em 03/02/2014
Aprovado em 13/02/2014
Versão final apresentada em 09/09/2014